



XVIII SIMPURB
Simpósio Nacional
de Geografia Urbana
2024 Niterói

Uma agenda para
a democratização
da cidade

3 a 7 DEZ

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Geociências - Campus da Praia Vermelha

GT 19 - Rede urbana e urbanização regional: agentes, processos, interações escalares e complexificação das formas

OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E A FEIRA LIVRE EM DELMIRO GOUVEIA:

A dinâmica urbana e regional no interior de Alagoas¹

Regís Lima da Silva²
Universidade Federal do Ceará - UFC
E-mail: regislina@alu.ufc.br

Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador³
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
E-mail: diego.salomao.salvador@ufrn.br

RESUMO: Este trabalho aborda a dinâmica urbana e regional de Delmiro Gouveia, com destaque para os fluxos decorrentes da realização da maior feira livre do Sertão de Alagoas. Desse modo, o presente estudo analisou a feira livre dessa urbe por meio da aplicação da teoria dos circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Assim, utilizou-se da pesquisa conceitual e de campo, numa abordagem dialética. A aplicação de questionários - junto a feirantes, clientes e motoristas - permite interpretar as variáveis da referida teoria e, portanto, a análise dos dados admite a compreensão da dinâmica da feira segundo a citada teoria. Os resultados evidenciam que os fluxos para a feira livre de Delmiro Gouveia consolidam esta cidade como um centro regional no Alto Sertão Alagoano. Tais fluxos destacam interações com outras urbes de Alagoas, mas também com espaços de outros estados do Nordeste.

Palavras-chave: Circuitos da economia urbana; Feira livre; Delmiro Gouveia – AL.

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado intitulada “Feira e fluxos: a dinâmica urbana e regional de Delmiro Gouveia (AL) no atual estágio da globalização”, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do GEOCERES - UFRN.

² Formado em Geografia pela UFAL. Mestre em Geografia pela UFRN. Doutorando em Geografia pela UFC.

³ Formado em Geografia pelo CEFET-RN. Mestre em Geografia pela UFRN. Doutor em Geografia pela UNICAMP. Professor do Departamento e de Programas da Pós-Graduação em Geografia da UFRN.

1. INTRODUÇÃO

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las (SANTOS, [1978] 2004, p. 37).

O espaço dos países subdesenvolvidos é bastante desigual, mas não dividido. Os agentes hegemônicos do mercado - grandes empresas, capital financeiro, capital imobiliário, detentores dos meios de produção - determinam as variáveis-chave do período atual (técnica, ciência, informação, finanças, consumo) e, assim, exploram o espaço e o trabalho. Os agentes não hegemônicos - trabalhadores pobres - se complementam com aqueles ao utilizarem tais variáveis conforme as intencionalidades hegemônicas. Deste modo, a complementaridade entre estes agentes é desigual, pois há subordinação dos agentes não hegemônicos aos agentes hegemônicos.

De acordo com esta justaposição socioespacial, Santos ([1978] 2004) denomina as atividades da economia urbana dos países subdesenvolvidos de circuito superior e circuito inferior. O nome “circuito” remete à coexistência das atividades, fato que explica a segmentação da economia e da cidade. Os nomes “superior” e “inferior” destacam a complementaridade com subordinação nesta segmentação: os circuitos superior e inferior se relacionam na economia urbana, porém com a subordinação do circuito inferior ao circuito superior, por intermédio da utilização das variáveis-chave do período atual.

Essa teoria foi proposta na década de 1970, com definições e variáveis adequadas a este contexto espaço-temporal. Portanto, neste momento, Santos ([1978] 2004) definiu o circuito superior como moderno e o circuito inferior como não moderno, com realce para as atividades que caracterizam sobretudo cada circuito, para a coexistência destes circuitos e para a sua importância no que se refere ao entendimento da dinâmica urbana e regional

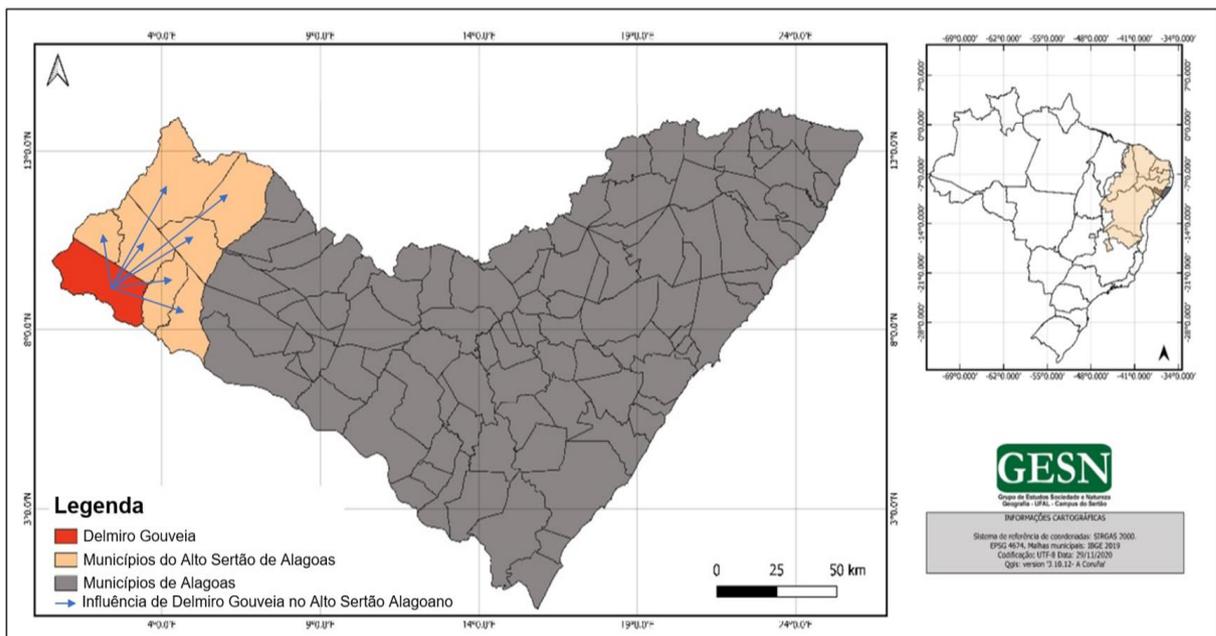
No contexto histórico atual, é realizada uma atualização de alguns aspectos da teoria dos circuitos da economia urbana, embora, isto não signifique que a teoria não seja mais válida. Ao contrário, a teoria é pertinente para a análise da segmentada economia dos países subdesenvolvidos, considerando as suas complementaridades e hierarquizações no que tange às atividades desenvolvidas.

Esta adaptação é evidenciada por intermédio de análises da economia urbana de países subdesenvolvidos conforme o atual estágio do período técnico-científico-informacional. Salvador (2016), ao estudar os circuitos da economia urbana no eixo rodoviário Natal-Caicó (RN), afirma que o circuito superior e o circuito inferior são hoje definidos pelas variáveis tecnologia, organização, capital, finanças, consumo e pela escala de atuação das atividades desenvolvidas. Desse modo, cada vez mais, os circuitos da economia urbana se complementam na perspectiva da subordinação da renda obtida na economia não hegemônica aos agentes da economia hegemônica, mediante a drenagem de capital pelo sistema financeiro e ao consumo de mercadorias e equipamentos por agentes do circuito inferior em atividades do circuito superior.

Os agentes do circuito inferior consomem mais e mais mercadorias no circuito superior e, por vezes, fidelizam as suas atividades ao abastecimento e atendimento possibilitado pelo circuito superior. Com a expansão da bancarização e da financeirização no circuito inferior, cresce o consumo de bens modernos por agentes deste circuito em lojas do circuito superior, fato que dinamiza o uso de tecnologias modernas na economia não hegemônica. Com este consumo, o circuito superior amplia as suas vendas e o circuito inferior aumenta a sua dependência daquele, pois as variáveis-chave do período atual são determinadas pelos agentes da economia hegemônica. Do mesmo modo, há atividades do circuito inferior que são abastecidas por representantes comerciais do circuito superior, que exigem fidelização neste abastecimento e, em contrapartida, ofertam o melhoramento ou o embelezamento do *layout* das atividades do circuito inferior.

Ao consumir cada vez mais no circuito superior e ser abastecido por representantes comerciais deste, os agentes do circuito inferior expandem a escala de atuação das suas atividades, não as limitando apenas ao lugar. É fato que esta escala é muito importante para o funcionamento da economia não hegemônica, podendo-se afirmar que as características desta economia são atreladas às características do espaço geográfico onde ela está localizada. Desse modo, foi analisada a dinâmica urbana e regional de um espaço do interior do Nordeste brasileiro, cuja demografia não é volumosa se comparada a outros centros urbanos do território nacional, contudo, a funcionalidade urbana confere à Delmiro Gouveia o exercício de centralidade na rede urbana alagoana, detidamente, no Alto Sertão do estado.

Mapa 1: Localização e influência de Delmiro Gouveia no Alto Sertão Alagoano



Fonte: Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Alto Sertão Alagoano (PTDRS), 2006.
Elaboração cartográfica: Silva (2020).

A situação geográfica analisada no interior de Alagoas em 2020, foi Delmiro Gouveia, município com aproximadamente 52.262 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A feira livre localizada na sede municipal apresenta tanto agentes do circuito inferior como do circuito superior e de forma conjunta, confere centralidade regional para a respectiva funcionalidade urbana, no que se refere, de imediato, à fluxos provenientes, sobretudo, de municípios próximos ao território delmirenses.

2. ESTRUTURA METODOLÓGICA

O presente trabalho analisou as ligações urbana e regional da cidade de Delmiro Gouveia a partir dos fluxos para a feira livre, que é a principal feira do Sertão de Alagoas. Com esta análise, compreendeu-se a dinâmica da cidade e a sua influência regional no Alto Sertão Alagoano. O desenvolvimento da pesquisa fundamentou-se nas seguintes questões científicas: Como ocorrem os fluxos para a feira livre, considerando-se as características das atividades econômicas que providenciam tais fluxos? Como estes fluxos contribuem para a complementação hierárquica de Delmiro Gouveia com outras cidades no contexto do Alto Sertão Alagoano?

Para qualificar esta análise foram realizadas reflexões sobre o espaço geográfico - compreendido como sinônimo de território usado, a feira livre - como mercado periódico, e as atividades econômicas para o desenvolvimento de fluxos - por meio da aplicação da teoria dos circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Assim sendo, conectando teoria e empiria, ou reflexão e análise, compreende-se a histórica dinâmica socioeconômica de Delmiro Gouveia, com destaque para o atual estágio da Globalização, destacando-se o funcionamento da feira livre. Ademais, foi analisado os fluxos providenciados para esta feira, com realce para as características das atividades econômicas que providenciam tais fluxos.

Para refletir sobre a produção social do espaço geográfico, com atenção para a análise da dinâmica socioeconômica de Delmiro Gouveia no período técnico-científico-informacional, destacando o funcionamento da feira municipal, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre tais temáticas. Utilizou-se de acervos virtuais de bibliotecas de teses e dissertações nacionais, assim como em sites de periódicos científicos. Os trabalhos selecionados foram lidos e devidamente referenciados no desenvolvimento do trabalho. Ainda, a pesquisa de campo na feira municipal de Delmiro Gouveia, contou com observações e registros fotográficos do funcionamento deste mercado periódico e realização de entrevista com feirantes e clientes sobre a importância da feira para a sociedade e a economia delmireense.

Para compreender a dinâmica da feira e dos seus fluxos, foi realizada pesquisa de campo neste mercado periódico nos meses de março e abril de 2022, com a aplicação de questionários estruturados e semiestruturados para entrevistar feirantes, motoristas de transportes coletivos e clientes da feira. Não definimos, a priori, a quantidade de interlocutores da pesquisa. Seguimos a perspectiva qualitativa, isto é, entrevistamos tais agentes sociais até que as suas respostas se tornaram repetitivas, fato que significou que havíamos aprendido a dinâmica. No total, foram entrevistados (as) 70 feirantes, 23 motoristas e 90 clientes.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O espaço geográfico é compreendido como um produto humano e social e uma instância da sociedade (SANTOS, [1978] 2004). Os homens produzem o espaço, por intermédio das suas ações e relações históricas; o modo como o espaço é produzido acaba por influenciar as ações humanas e relações sociais, fazendo com que o espaço seja um reflexo dos homens e uma condição social.

A dinâmica do espaço geográfico é histórica, caracterizada por fixos (objetos) e fluxos (ações), resultando na atual organização espacial (estrutura) (SANTOS, [1996] 2006). No atual estágio da Globalização, período também chamado de técnico-científico-informacional (SANTOS, [1996] 2006), tal dinâmica é intensa, sobretudo, no âmbito da cidade, que é um espaço produzido por meio de divisões territoriais do trabalho justapostas, fato que evidencia uma economia política segmentada em subsistemas complementares e desiguais: o circuito superior ou hegemônico da economia urbana e o circuito inferior ou não hegemônico (SANTOS, [1979] 2004).

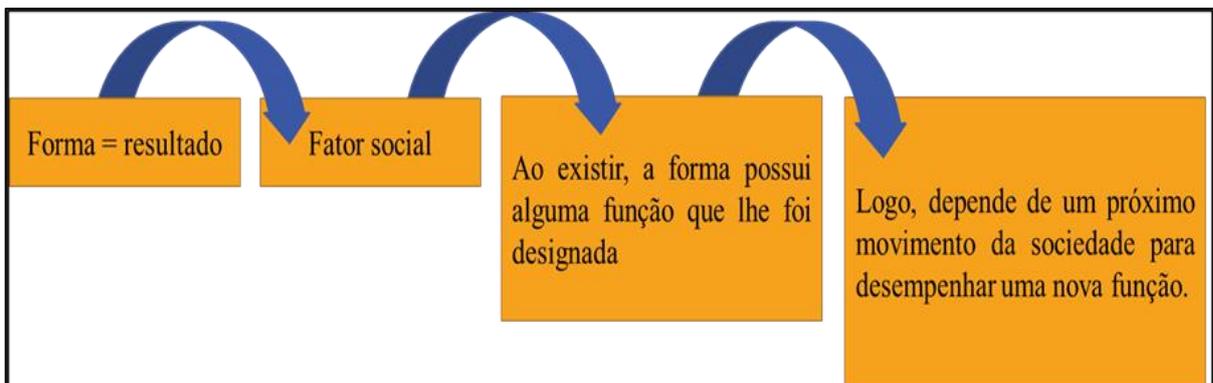
Santos ([1996] 2006) define o espaço geográfico como o conjunto indissociável e contraditório de objetos e ações. A ação de produzir o espaço é do homem, ser vivo capaz de inovar e, assim, de (re)produzir espaço. Agindo, os homens produzem objetos, enquanto reflexos dos seus interesses e também condicionantes para as suas ações e relações. Objetos e ações são indissociáveis, por coexistirem e não terem como ser analisados separadamente, pois, um decorre do outro e, sendo assim, o resultado é condição para a ação. Além disso, objetos e ações são contraditórios, tendo-se em vista o fato de a produção do espaço ser desenvolvida conforme os princípios do modo de produção capitalista, a saber: desigualdades, contradições e combinações. Os objetos são produzidos de modo seletivo e desigual, com a implementação de assimetrias socioespaciais. Isso ocorre porque as ações têm como fundamento a mais-valia, considerando-se o território e o trabalho como recursos para exploração.

Ao produzir objetos, os homens o fazem de acordo com interesses. A intencionalidade humana e social marca a totalidade do objeto, desde a sua forma até os vários aspectos do seu conteúdo, como a ação de atribuir um nome ao objeto criado. De acordo com Santos ([1996] 2006), a ação de nomear é “cultural e tem na linguagem um papel fundamental na vida do homem, por ser a forma pela qual se identifica e reconhece a objetividade em seu derredor, através dos nomes já dados” (*Ibid.*, p. 42). Ao nomear, o homem classifica os objetos, não somente pela ação de nomear, mas também pela necessidade de distinguir a ação que cada objeto decorre. Ao longo da história, diferentes objetos são criados conforme intencionalidades específicas dos homens em cada período histórico, fato que possibilita a afirmação que os objetos geográficos são expressões da história humana e, ao serem analisados de modo indissociável às ações, permitem o entendimento da empiricização do tempo no que se refere à determinada dinâmica socioespacial.

Ainda acerca da definição dos objetos pelos homens, Foucault (1986), tratando da arqueologia do saber, compreende que a formação discursiva não necessariamente significa haver influências entre os diferentes agentes que tratam dos mesmos assuntos. Muitas narrativas podem ser feitas e os indivíduos que narram são orientados pelo cotidiano. Dessa maneira, deve-se considerar o contexto histórico que influenciou a narrativa e a situação do agente que realiza o discurso ou a definição.

Na obra “Espaço e método”, Santos (1985) propõe quatro categorias analíticas para a análise do espaço geográfico: forma, função, processo e estrutura. Tais categorias são definidas individualmente, do ponto de vista teórico, porém, na realidade devem ser analisadas conjuntamente, pois, são coexistentes. A forma é como o espaço é em termos materiais, no que tange aos objetos que o marcam. A função é conteúdo do espaço, são os fluxos decorrentes dos fixos, como os intercâmbios de mercadorias, pessoas, capitais e informações. O processo é a produção histórica do espaço, caracterizada pela indissociabilidade de objetos e ações, formas e conteúdos, fixos e fluxos. E a estrutura é a organização do espaço hoje, a qual deve ser analisada por nós de acordo com questões sociais problematizadas do ponto de vista do método científico e, assim, desvendadas.

Organograma 1: forma, função e seus significados sociais



Fonte: Santos (1985), organização do próprio autor.

O estudo do espaço considerando tais categorias analíticas possibilita a compreensão da dinâmica socioespacial segundo a perspectiva holística, ou seja, dando conta da totalidade do espaço estudado - no que tange a intencionalidades - e das suas interações espaciais. É a isso que Santos (1985) se refere quando afirma que “forma, função, estrutura e processo, tomados individualmente, representam apenas realidades parciais. Considerados em conjunto, porém, e

relacionados entre si, constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade” (Ibid., p.71).

A forma do espaço é dinâmica, portanto, modificada historicamente, fato que significa também o movimento da função do espaço geográfico. Outrossim, a dialética forma-função remete ao processo de produção do espaço, pois, quando as ações humanas e relações sociais mudam, é transformada a configuração do espaço no que tange aos objetos. Sendo assim, a totalidade (estrutura) da dinâmica socioespacial (forma-função) é histórica, podendo ser analisada pela indissociabilidade das categorias analíticas do espaço.

A formação socioespacial do Nordeste é associada aos caminhos do gado, isto é, trajetos por onde eram transportados até o litoral os animais que eram criados no interior. No litoral, estes animais eram abatidos e a carne servia de alimento para abastecer a população das cidades litorâneas, assim como havia animais que eram utilizados como “ferramenta de trabalho”, pois, se usava a tração animal como força motriz nos engenhos (CASTRO, 1984, p. 189). Nas paradas que os vaqueiros faziam ao longo dos caminhos do gado foram sendo desenvolvidos comércio e, assim, aglomerações sociais, causando a aurora de povoamentos e vilas posteriormente elevados à situação de municípios com as suas respectivas sedes.

Conforme Andrade (1978), neste processo de formação socioespacial, a maior parte do território do Nordeste brasileiro foi impulsionado, a priori, pela atividade da pecuária, com destaque para duas cidades: Salvador (BA) e Olinda (PE). Estas eram centros de áreas caracterizadas por terras férteis, direcionando, desse modo, a interiorização da exploração do território por intermédio da criação, do transporte e da venda de animais.

De acordo com Gonçalves (2019), no Nordeste brasileiro, a feira livre foi colocada em baila enquanto atividade importante para possibilitar ou aumentar o comércio do gado, assim como pode-se dizer que este comércio é fator imprescindível para a implementação das primeiras feiras. Assim sendo, a feira livre é fato e fator atrelado à formação socioespacial do Nordeste do gado. Dentre as primeiras feiras nordestinas, citamos as de Toritama e Caruaru em Pernambuco e a de Campina Grande na Paraíba, as quais, hoje, fundamentam a dinâmica urbana e regional das cidades onde são desencadeadas.

Além destas, Chaves (2011) sublinha a feira livre nas pequenas cidades do Nordeste, funcionando como atividade econômica de destaque pelos fluxos que causa, garantindo a comercialização da produção de pequenos produtores rurais e das mercadorias de pequenos

comerciantes. Dessa maneira, nestas cidades, a feira livre é um evento socioeconômico fundamental para a dinâmica urbana e regional, pelo fato de amplificar as trocas econômicas e os intercâmbios territoriais.

Azevedo e Queiroz (2013) realçam o fato de, nos dias atuais, a feira livre ser atividade mista quanto a oferta de produtos e serviços tradicionais e modernos. Estes autores estudam feira livre em Natal (RN), analisando que, mesmo na capital potiguar, este evento é marcado por tradições e modernidades, sendo buscado por clientes que demandam desde alimentos e artesanato, a serviços modernos referentes a tecnologias digitais da informação e comunicação.

De modo semelhante ao que era a feira livre na Antiguidade e na Idade Média, Costa e Santos (2016) afirmam que, hoje, a feira livre é atividade de caráter socioeconômico e cultural, organizada para a comercialização e a interação social. Para isto, a feira tem forma - caracterizada por ruas, praças, barracas, estabelecimentos comerciais, veículos - e função - decorrente de intercâmbios sociais, econômicos, culturais e territoriais. Sendo assim, a feira livre - enquanto organização socioespacial - contribui para a amplificação periódica da dinâmica de pequenas cidades, como também para a consolidação regional da dinâmica de cidades intermediárias ou médias e para a identificação socioeconômica e cultural de bairros de grandes cidades ou capitais estaduais.

Trazendo essa perspectiva holística acerca das interações espaciais presente na dinâmica urbana de Delmiro Gouveia, destaca-se a feira livre pelo fato dela concentrar diversas atividades econômicas, de produção e comercialização de mercadorias e de prestação de serviços. Devido a sua diversidade de oferta, esta feira atrai para as suas margens a concentração de pequenos comércios para atender os feirantes e os clientes. Do mesmo modo, atrai para Delmiro Gouveia fluxos periódicos que contribuem para intensificar a dinâmica da cidade no dia da realização da feira.

Assim sendo, as relações entre os circuitos da economia urbana são adensadas, o que significa intensificação das desigualdades na economia urbana dos países subdesenvolvidos. O circuito superior comanda mais e mais esta economia, com a exploração do espaço e do trabalho; e o circuito inferior é cada vez mais subordinado aos interesses hegemônicos, por intermédio da utilização das variáveis-chave do período. Como consequência desta situação, tem-se o desemprego e a pobreza estrutural. Com a formalização da precarização do trabalho, o emprego é raro, substituído pela oferta de ocupação sem direitos trabalhistas. Igualmente, perpetua-se a pobreza, com o endividamento da maioria da população e a subordinação da

sociedade aos interesses de uma minoria de agentes que determinam as variáveis-chave do período atual e comandam a economia e a política.

Na América Latina, a teoria dos circuitos da economia urbana é utilizada para a análise da dinâmica socioespacial de cidades de diferentes países, como o Brasil e a Argentina. Neste estudo, destaca-se os esforços realizados pela professora María Laura Silveira, na produção e na orientação de trabalhos científicos acerca desta teoria e da sua aplicação. Ademais, outros esforços são realizados por professores e estudantes de universidades brasileiras.

Estes estudos, geralmente, privilegiam o recorte empírico das grandes cidades, o que justifica a necessidade de também analisar a dinâmica de cidades médias ou intermediárias e de cidades pequenas ou locais, pelo fato destas terem particularidades socioeconômicas e culturais locais/regionais.

Pensando nisso, foi analisada a dinâmica territorial de Delmiro Gouveia, centro regional sertanejo importante na rede urbana Alagoana. No Alto Sertão de Alagoas, a cidade de Delmiro Gouveia é destacada pelos seus fixos e seus fluxos, com realce para os serviços de educação e de saúde que localiza, assim como para as atividades comerciais e/ou de prestação de serviços.

A análise, para tanto, mirou os fluxos que são direcionados para a cidade de Delmiro Gouveia em decorrência da realização da feira livre. Tais fluxos são compreendidos com a aplicação da teoria dos circuitos da economia urbana, pois, conforme Montenegro (2006), o conhecimento destes circuitos possibilita a identificação de fluxos e a qualificação destes, com a análise das atividades que os provocam. Assim, constatou-se as complementaridades entre a cidade de Delmiro Gouveia e outras cidades do Alto Sertão de Alagoas e de outras escalas geográficas, na perspectiva dos intercâmbios de pessoas, mercadorias, objetos, capitais e informações, bem como na esteira da hierarquização urbana.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A feira livre de Delmiro Gouveia é realizada entre a rua Sargento Antônio Pedro e a Avenida Juscelino Kubitschek, no bairro Eldorado. Ela ocorre no sábado, quando estas vias ficam repletas de automóveis individuais de transporte passageiros (ônibus, micro-ônibus e vans), de pessoas e de atividades comerciais. Sua estrutura é dividida em três espaços: o pátio das barracas não padronizadas, feitas de madeira e com cobertura individual, de

responsabilidade dos feirantes que improvisam lonas para a proteção ao Sol e a chuva; o pátio do mercado da carne; e um galpão com os boxes para a comercialização de artesanato.

Figura 1: Vista panorâmica do Bairro Eldorado em Delmiro Gouveia, com destaque para os locais utilizados para a realização da feira livre, 2021



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Durante a realização da pesquisa de campo, entre os anos de 2021 e 2022, a feira livre de Delmiro Gouveia era realizada aos sábados no bairro Eldorado, em espaço organizado pelo poder público de modo adequado ao funcionamento da feira. Nesse espaço há dois galpões fechados e cobertos e um local delimitado, mas não coberto. Nos galpões funciona o mercado da carne e o do artesanato. No local não coberto ficam instaladas barracas cobertas com lona. Assim, diferente de outrora, os feirantes podem realizar os seus negócios sem que seja necessário montar ou desmontar barracas. Na figura 1 é mostrado a organização do espaço, indicando o mercado do artesanato com a seta laranja, o mercado da carne com a seta vermelha e o local das barracas cobertas com lona com a seta verde.

Para refletir sobre os circuitos da economia urbana, considerando a compreensão dos fluxos para a feira municipal de Delmiro Gouveia e, sublinhando as características das atividades econômicas que providenciam tais fluxos foram realizadas entrevistas direcionadas a feirantes, motoristas e clientes da referida feira. Conectou-se, portanto, reflexões teóricas e dados primários sobre os fluxos para a feira municipal de Delmiro Gouveia

Conforme estimativa da administração da feira livre de Delmiro Gouveia, em 2022 havia cerca de 750 barracas na feira. Destas, cerca de 50 estavam vazias, em decorrência da crise econômica ocasionada ou intensificada pela pandemia da Covid-19, que inviabilizou o funcionamento da feira por alguns meses e, desse modo, causou a falência de algumas atividades.

A maioria (53) dos feirantes entrevistados eram proprietários das barracas utilizadas, 11 feirantes eram familiares que estavam ajudando os proprietários das barracas e somente 06 (seis) eram funcionários contratados. Assim, percebe-se que a feira livre de Delmiro Gouveia é um mercado constituído, sobretudo, por atividades familiares, desenvolvidas apenas pelo seu proprietário ou com a ajuda de um parente.

Assim sendo, 30 feirantes afirmaram que trabalhavam sozinhos na feira, 26 disseram que trabalhavam com a ajuda de outra pessoa na barraca e 14 feirantes destacaram que trabalhavam com a ajuda de duas ou mais pessoas.

O trabalho de campo mostrou também que, em sua maioria, os feirantes são proprietários das barracas na feira e que, em menor escala, existem os que possuem funcionários ou familiares auxiliando nas vendas.

A jornada de trabalho dos feirantes começa cedo, para a maioria na madrugada. Dos feirantes entrevistados, 12 afirmaram que iniciavam esta jornada por volta das 03 horas da madrugada, 21 feirantes iniciavam às 04 horas da madrugada, 27 feirantes às 05 horas da manhã e 10 feirantes entre às 06 horas e 07 horas da manhã. O encerramento desta jornada ocorre ao meio-dia para a maioria dos feirantes e, para alguns, por volta das 16 horas.

Conforme a maioria (27) dos feirantes entrevistados, as mercadorias que eles comercializam na feira chegavam até as suas barracas por meio de caminhões de atravessadores ou de produtores. Outrossim, 12 feirantes afirmaram que recebem as mercadorias de motoristas de transporte coletivo (D20) e 05 (cinco) feirantes disseram que recebem as mercadorias dos atravessadores. Ademais, 11 feirantes afirmaram trazer as mercadorias em carro próprio, 08 (oito) disseram que recebem de carroceiro ou buscam em carroça própria, 04 (quatro) destacaram que fazem o transporte da mercadoria comercializada por meio de reboque em moto ou em carro e 03 (três) disseram que as mercadorias ficam guardadas na feira.

Os feirantes que afirmaram buscar as mercadorias que comercializam destacaram que se deslocavam para cidades do Nordeste brasileiro cuja funcionalidade é a da venda de

mercadorias a preço baixo, como Toritama e Caruaru em Pernambuco, onde são compradas roupas, eletrônicos, acessórios e produtos importados diversos para a revenda.

O fato de a maioria dos feirantes ter afirmado que recebe as mercadorias de atravessadores ou produtores explica que aos sábados, de madrugada, antes da realização da feira, há vários caminhões que abastecem os feirantes, com frutas, verduras, raízes etc. Estas mercadorias eram provenientes, sobretudo, de Itabaiana (SE) e Petrolina (PE).

Na feira de Delmiro Gouveia eram aceitas três formas de pagamento: à vista, em espécie ou em Pix⁴, com possibilidade de desconto; à vista, no cartão de débito, com cobrança de adicional proporcional à taxa cobrada pela operadora da maquineta de cartão; e no cartão de crédito, com possibilidade de parcelamento do valor e com cobrança de adicional proporcional à taxa cobrada pela operadora da maquineta de cartão.

Em 28 barracas era aceito apenas o pagamento com dinheiro em espécie. Em 22 barracas se aceitava também o pagamento com cartão de débito ou de crédito. Em 37 barracas, além do pagamento em espécie e com cartão, também se aceitava o pagamento por meio de Pix.

A prática do fiado anotado no “caderninho” era presente na feira de Delmiro Gouveia, detidamente, nas atividades desenvolvidas por 11% dos feirantes inquiridos na pesquisa. Nestas, o fiado era confiado aos bons clientes, isto é, que compravam há anos nas atividades e eram bons pagadores. Para estes, era possibilitado que o valor das compras fosse anotado em um caderninho para ser pago posteriormente, junto com o valor de outras compras.

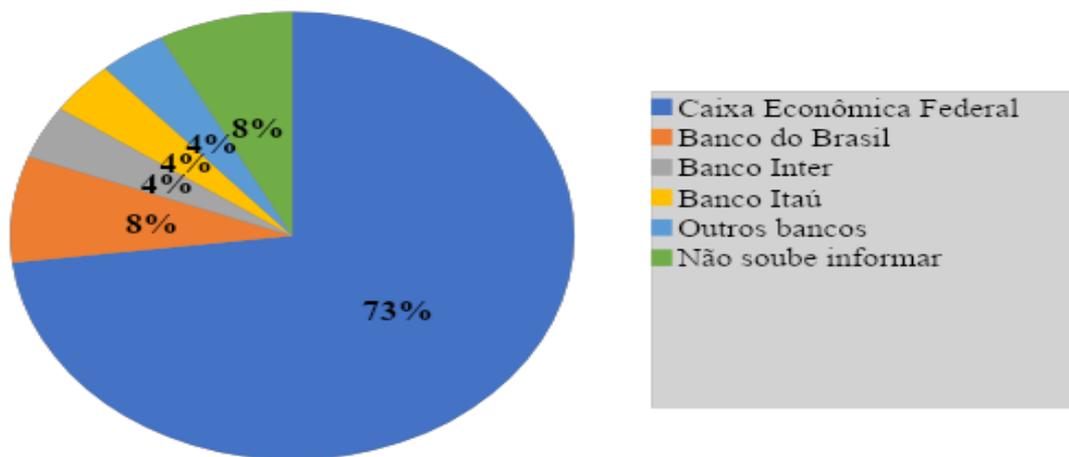
O fato de a maioria das atividades da feira de Delmiro Gouveia ofertar pouca diversidade de produtos, não flexibiliza a proposição de que na economia urbana os circuitos inferior e superior sempre se complementam. Na feira, *a priori*, parece que só há atividades da economia não hegemônica. No entanto, a complementaridade entre os circuitos ocorre, por exemplo, com a vinculação bancária dos feirantes, assim como com a oferta para os clientes do pagamento com a utilização de meios do sistema financeiro e da venda de produtos importados decorrentes de escalas geográficas internacionais, concernentes à escala de atuação da economia hegemônica.

A maioria (73%) dos feirantes possuíam contas vinculadas com a Caixa Econômica Federal, 8% eram vinculados ao Banco do Brasil, 4% ao Banco Inter, ou ao Banco Itaú ou a outros bancos e 8% disseram que apesar de possuírem contas, não souberam informar o nome

⁴ Pix não é uma abreviação, é uma forma de pagamento instantânea. O primeiro país a utilizar esta forma de pagamento foi o Japão, em 1973. No Brasil foi lançado em outubro de 2020.

do banco de vinculação (gráfico 1). Ao se vincularem aos bancos, os feirantes usam os limites de crédito ofertados para manterem as suas atividades, assim como podem utilizar os serviços das maquinetas de cartões disponibilizada pelo banco. Tais aspectos podem levar os feirantes ao endividamento e, tendo em vista as altas taxas de juros dos bancos, causar a falência das atividades dos feirantes. Dessa forma, com as taxas cobradas a cada operação bancária ou financeira, os bancos drenavam para si parte dos lucros obtidos pelos feirantes, em uma evidente transferência de rendimento do circuito inferior para o circuito superior da economia urbana.

Gráfico 1: Bancos de vinculação dos feirantes da feira de Delmiro Gouveia



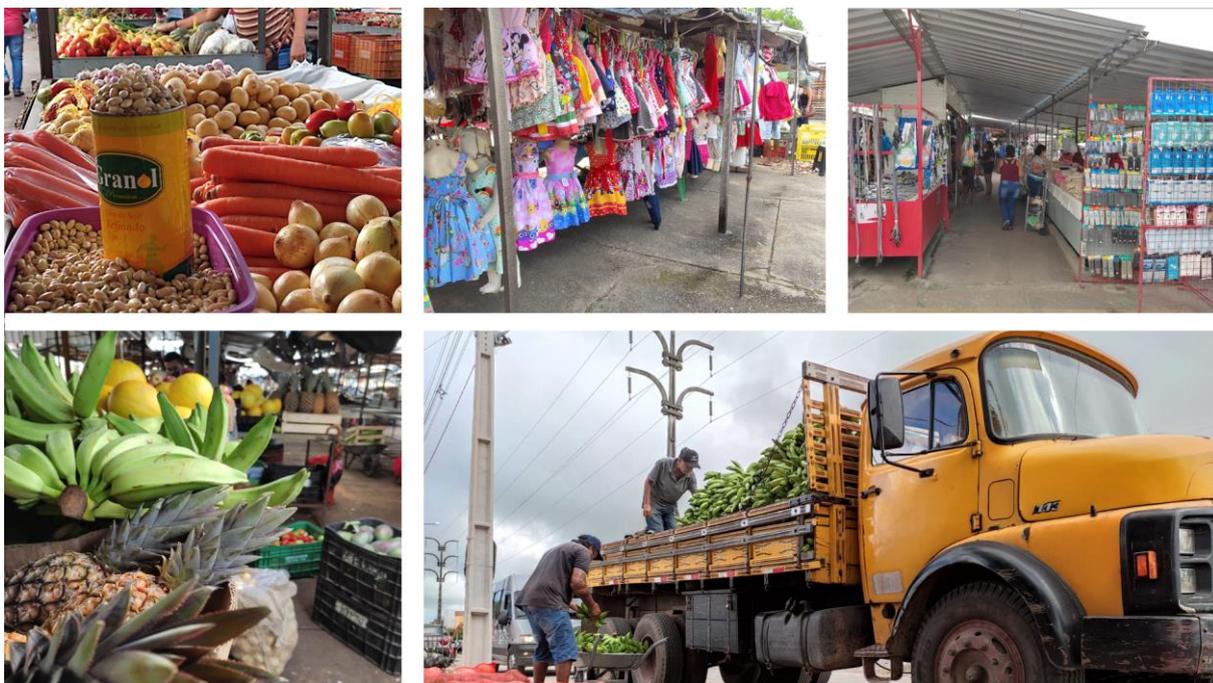
Fonte: Pesquisa de campo, março-abril de 2022.

Além disso, a relação entre os circuitos da economia urbana pode ser destacada por meio da utilização do Pix como forma de pagamento em atividades da feira livre de Delmiro Gouveia. Para que esta forma de pagamento seja efetivada é necessário que os feirantes e os clientes utilizem um *smartphone* ou um *iphone* conectado à internet. Assim, deve-se ter um equipamento eletrônico que é fabricado por empresa do circuito superior e para estar conectado à internet deve-se ter vinculação com uma operadora de telefonia (Tim, Claro, Vivo), que também é uma empresa da economia hegemônica. Outrossim, é necessário que o agente social tenha cadastrado na sua conta bancária a chave do Pix, que pode ser um endereço de e-mail, que também exige a sua vinculação a uma empresa que fornece este endereço (*Google, Microsoft, Yahoo*).

De modo geral, os produtos são comercializados na feira de Delmiro Gouveia, assim como serviços prestados. Dentre esses, destacam-se os alimentos, como as frutas, as verduras, os legumes e as raízes. Também foram identificadas as atividades de comercialização de

vestimentas, de peças de cama, mesa e banho e de acessórios para equipamentos eletrônicos, assim como as atividades para o reparo de eletrônicos ou de utensílios domésticos. A figura 2 mostra a comercialização de alguns desses produtos na referida feira.

Figura 2: Comercialização de produtos diversos na feira de Delmiro Gouveia - AL



Fonte: Pesquisa de campo, março-abril de 2022.

A maior porcentagem de atividades existentes na feira de Delmiro Gouveia foi para a comercialização de frutas, verduras, legumes e raízes, representando em torno de 61% das atividades pesquisadas. Em seguida, foram destacadas as atividades de comercialização de vestuário infantil e adulto (masculino e feminino), com 13% das atividades pesquisadas. Em 10% das atividades pesquisadas foi apontada a comercialização de produtos como queijo, manteiga, bolacha, bolo e outros alimentos para o consumo no mesmo dia do seu preparo - como tapioca, mungunzá e arroz doce.

Além disso, destacaram-se atividades para a comercialização de mídias digitais de áudio e/ou vídeo, as quais estão cada vez mais em desuso, tendo em vista a banalização social da utilização das plataformas digitais de áudio e vídeo, por intermédio de *smartphone*, *iphone* ou *smart tv* com conexão à internet. Não obstante, estas atividades resistem na feira, pois há clientes que continuam consumindo os CDs ou DVDs de músicas ou shows.

A comunicação entre os feirantes e os distribuidores de mercadorias ocorria por meio de ligação telefônica ou de mensagem de *WhatsApp* e mediante contato pessoal. Na maioria dos casos, este contato era telefônico ou pelo aplicativo de mensagens, com os feirantes realizando a encomenda dos produtos necessários, os quais seriam entregues posteriormente. Em alguns casos, os feirantes adquiriam os produtos um pouco antes da feira, junto aos atravessadores ou aos produtores que disponibilizavam mercadorias todos os sábados de madrugada, antes da realização da feira.

O pagamento das mercadorias compradas pelos feirantes aos atravessadores ou produtores era, sobretudo, por meio de dinheiro em espécie, seguida das opções depósito bancário, Pix e cartão. Os dados da pesquisa evidenciam que a liquidez monetária é importante para os feirantes, que abastecem as suas atividades conforme as vendas que realizam e os rendimentos que obtêm. Conforme Santos (1979) esta é uma característica basilar da economia não hegemônica, cujo nível de capital é baixo e a existência de estoque de mercadorias é igualmente pequena ou inexistente. A falta de liquidez monetária nesta economia pode significar a falência da atividade. Por isso que a expansão da utilização da variável finanças no circuito inferior da economia urbana serve para subordinar mais e mais este ao circuito superior, seja pelo consumo ou pela oferta do pagamento com meios do sistema financeiro.

Além de entrevistar os feirantes da feira de Delmiro Gouveia, realizamos entrevistas com os motoristas dos transportes que deslocavam pessoas, objetos e capitais para esta feira. Ao todo, entrevistamos 23 motoristas, também entre os meses de março e abril de 2022. A maioria (11) dos motoristas inquiridos transportava do próprio município de Delmiro Gouveia, 06 (seis) vinham do município de Água Branca (AL), 02 (dois) do município de Mata Grande (AL), 02 (dois) do município de Inhapi (AL) e 02 (dois) do município de Pariconha (AL).

No que se refere há quanto tempo realizavam esta tarefa, a maioria (11) dos motoristas afirmou que a faziam entre 01 (um) e 10 anos, 07 (sete) motoristas disseram que a realizavam de 11 a 20 anos, 04 (quatro) motoristas há menos de 01 (um) ano e 01 (um) motorista há mais de 21 anos. De acordo com estes interlocutores da pesquisa, o transporte de passageiros, objetos e capitais para Delmiro Gouveia era exponencial aos sábados, juntamente com a realização da feira. Nos outros dias da semana, tais fluxos eram bem menores, podendo não ocorrer.

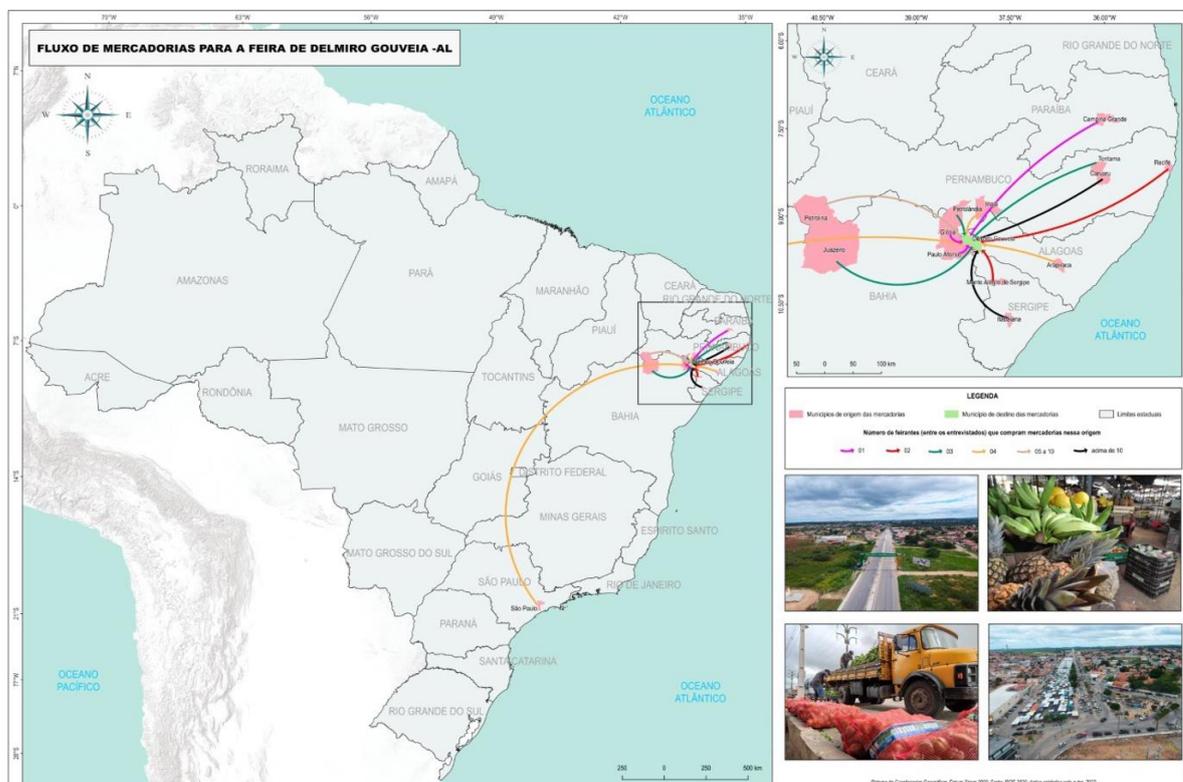
Também entrevistamos os clientes da feira de Delmiro Gouveia, com a aplicação de questionário junto a 90 pessoas, entre os meses de março e abril de 2022. A maioria dos clientes

inquiridos era de mulheres, com idade entre 40 e 49 anos. Dos homens entrevistados, a maioria tinha entre 40 e 59 anos de idade.

A maioria (36) dos clientes entrevistados desenvolvia a profissão de agricultor, seguida pelas tarefas de dona de casa (22), estudante (06), comerciante (05), agente de saúde (02), mecânico (02) e professor (02). Além disso, 07 (sete) clientes afirmaram ser aposentados e 08 (oito) disseram que tinham outra situação de trabalho, como garçom, motorista, beneficiário do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), carpinteiro, enfermeiro, pedreiro, desempregado e merendeiro.

Quanto à origem dos clientes entrevistados, a maioria se deslocava para a feira de Delmiro Gouveia vindo deste município, 30 provenientes da cidade e 26 do campo. Os outros clientes eram provenientes de municípios do Alto Sertão de Alagoas, região na qual Delmiro Gouveia se destaca pela sua funcionalidade na rede de relações urbanas. Eis os municípios desta região citados pelos clientes: Água Branca (16), Pariconha (06), Piranhas (05), Inhapi (03) e Olho D'Água do Casado (03). Quanto a origem da mercadoria comercializada na feira de Delmiro Gouveia, o mapa 2 mostra tal fluxo e dinâmica regional concernente.

Mapa 2: Dinâmica urbana e regional no interior de Alagoas a partir dos fluxos de mercadorias para a feira livre de Delmiro Gouveia



As mercadorias comercializadas nesta feira são provenientes de contextos geográficos mais amplos, referindo-se a interações com municípios de Alagoas, Pernambuco, Bahia, Sergipe e Paraíba e a conexões com São Paulo (mapa 2). Este dado realça que a dinâmica de Delmiro Gouveia é intensificada pela realização da feira, pois este mercado periódico viabiliza fluxos para a cidade provenientes da escala regional e até nacional, fato que favorece a socioeconomia e adensa as relações desta urbe com outros espaços, evidenciando a sua influência regional imediata.

Considerando a importância da feira para a dinâmica urbana e regional de Delmiro Gouveia, o poder estadual de Alagoas resolveu investir a partir de 2022 o montante de R\$11.600.000,00 (onze milhões e seiscentos mil reais) para a modernização da estrutura deste mercado periódico. Esta modernização foi iniciada em abril de 2022, para organizar a feira em um espaço de pouco mais de 9 mil metros quadrados, localizado no bairro Eldorado entre a rua Sargento Antônio Pedro e a Avenida Juscelino Kubitschek.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da dinâmica urbana e regional de Delmiro Gouveia foi realizada com realce para os fluxos decorrentes da feira livre desta cidade, devido a importância deste mercado periódico para a socioeconomia da urbe delmirensense e para as interações desta no Alto Sertão de Alagoas, contexto no qual Delmiro Gouveia exerce influência regional.

Além da cartografia sobre a dinâmica urbana e regional no interior de Alagoas a partir dos fluxos de mercadorias para a feira livre de Delmiro Gouveia (mapa 2), a pesquisa mostrou que o circuito superior continua determinando as variáveis-chave do período atual e busca aumentar os seus lucros por meio da vinculação aos seus interesses dos agentes do circuito inferior. Esta vinculação ocorre pelos seguintes fatos: a formalização das atividades da economia não hegemônica, a bancarização dos seus agentes, a burocratização da sua organização e a sua fidelização aos interesses financeiros e de persuasão do circuito superior através do uso do Pix, abertura de contas em bancos digitais, máquinas de cartão de crédito, dentre outros serviços presentes nas feiras livres e nos demais segmentos com maior presença do circuito inferior.

Compreendeu-se, entretanto, o espaço geográfico como uma instância social, isto é, um produto humano e social que do modo como é organizado acaba por condicionar as ações

humanas e as relações sociais. Assim, concluiu-se que o espaço urbano de Delmiro Gouveia é destacado no Alto Sertão de Alagoas pelo fato de localizar atividades que não existem em outros espaços desta região, ou não existem com o mesmo nível de complexidade ou de diversidade. Dentre estas atividades, sublinha-se a feira livre que aos sábados adensa a dinâmica socioeconômica da cidade de Delmiro Gouveia e, por isso, contribui para consolidar a sua importância regional na rede urbana de Alagoas.

Aprende-se que a feira livre é uma atividade de tradicional importância na dinâmica urbana e regional do Brasil, especificamente, no Nordeste do país. Neste contexto geográfico, a feira é um evento econômico e cultural, no qual são ofertados produtos e serviços tradicionais e/ou típicos à cultura nordestina, mas também são colocados em baila atividades decorrentes da modernização socioeconômica e cultural provocada pelas variáveis-chave do atual estágio da Globalização. Portanto, na feira são encontradas tradições e novidades, alimentos e serviços, fatos que atraem para este mercado diversas pessoas que têm atendidas as suas demandas por mercadorias ou prestação de serviços.

Os dados desta investigação evidenciaram que a feira livre é um dos pilares do destaque regional da cidade de Delmiro Gouveia no Alto Sertão de Alagoas, a ponto de os poderes públicos municipal e estadual terem viabilizado a partir de 2022 a modernização da feira, mirando maior conforto, segurança e acessibilidade para os feirantes e clientes. Esta modernização poderá conferir maiores fluxos para a feira livre de Delmiro Gouveia e, deste modo, contribuir para intensificar ou consolidar ainda mais a funcionalidade regional da referida urbe no Alto Sertão de Alagoas.

6. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978;
- AZEVEDO, F. F.; QUEIROZ, T. A. N. **As feiras livres e suas (contra)racionalidades: periodização e tendências a partir de Natal - RN - Brasil**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, v. XVIII, n. 1009, 2013;
- CASTRO, J. **Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares. 1984;
- COSTA, M. R.; SANTOS, D. M. **Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo**. Revista de Estudos Geoeducacionais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), v. 6, n. 3, p. 653-665, 2016;
- CHAVES, G. R. **Análise socioeconômica e cultural da feira livre do município de Remígio - PB**. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa. 2011;
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986;
- GONÇALVES, L. A. A. **A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular**. São Paulo: Blucher/Edições UVA, 2019;
- MONTENEGRO, M. R. **O circuito da economia urbana cidade de São Paulo no período da globalização**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006;
- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985
- _____. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, [1996] 2006;
- _____. **O Espaço dividido**. São Paulo: Edusp, [1978] 2004;
- SALVADOR, D. S. O. C. **O centro está nas margens: os circuitos da economia urbana no eixo rodoviário Natal-Caicó (RN)**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas. 2016.
- SILVEIRA, M. L. **Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana**. Geosp – Espaço e Tempo, v. 19, n. 2, p. 246-262. 2015;
- _____. **Modo de existência da cidade contemporânea: uma visão atual dos circuitos da economia urbana**. revista cidades. V. 14, número 23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/13236/8629>. Acesso em 07 de julho de 2024.